

## **O USO DO CINEMA EM SALA DE AULA E PROBLEMAS NA EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO DE PORTO NACIONAL – TO**

Autor: Jonathas Adonias Xavier<sup>1</sup>

Co-autor: Elizeu Ribeiro Lira<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho expõe como a falta de recursos e de uma educação transformadora e voltada para a realidade do aluno camponês afeta o desenvolvimento de alunos camponeses, situação que pôde ser observada através de intervenções realizadas no ambiente escolar. Foram apresentados aos alunos, produções cinematográficas como recurso utilizado para estabelecer contato e diálogo com os alunos, bem como observações ao espaço físico das escolas, e dados administrativos, que evidenciam a ausência de recursos suficientes para a disponibilização de uma educação de qualidade. Palavras chave: Educação, Campo, Recursos.

### **Introdução**

O aumento das metodologias didáticas, têm proporcionado a professores o uso de novas fontes, como a utilização do cinema em sala de aula, algo ligado a disponibilidade de recursos. O cinema, por exemplo, é muito recente como fonte e sua utilização como fonte histórica e de ensino nem sempre tem sido feita de forma eficaz nas escolas. Há ainda, as diferentes reações e percepções do público, neste caso, alunos pertencentes à educação básica da rede pública rural, da educação do campo.

Os alunos da educação do campo dos territórios em questão, assentamentos e reassentamentos, são em sua maioria negros e de famílias economicamente pouco favorecidas. São em maioria camponeses negros, e nota-se a ausência do conhecimento do processo de emancipação social do negro, que é pouco ou de forma reduzida exposta em livros didáticos, porém com bastante criatividade no cinema.

E através das observações e debates realizados com os alunos, foi possível notar como o processo educacional que também forma a identidade do camponês é algo ausente e pouco enfatizado no processo de desenvolvimento didático e educacional das crianças de escolas do campo.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. jonathas123xavier@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins.  
liraelizeu@mail.uft.edu.br

Ou seja, foram realizadas algumas reflexões dialéticas a cerca das dificuldades encontradas no ambiente escolar, e após observações relacionadas aos sujeitos que compõem o espaço escolar e documentações que evidenciam a escassez de recurso para a manutenção administrativa das escolas do campo. Resultando assim em uma análise crítica e dialética sobre a educação ofertada aos alunos da educação do campo e no campo.

## **O ambiente escolar do camponês**

Este trabalho foi elaborado inicialmente a partir de atividades didáticas realizadas inicialmente em sala de aula, com exposições fílmicas durante um período de docência e de participações voluntárias em escolas no campo pertencentes ao município de Porto Nacional – TO.

Tais atividades foram desenvolvidas nos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016 em diferentes escolas da zona rural. E o cinema foi utilizado como metodologia didática aos alunos em sala de aula, como uma forma de iniciar um contato com os alunos, para assim realizar uma análise reflexiva e dialética sobre as dificuldades e sucessos.

Então, a partir de observações, questionários e relatórios foram encontradas algumas dificuldades durante a aplicação das atividades. Assim, iniciou-se uma análise crítica em documentações administrativas das escolas e ao ambiente físico escolar para tentar identificar e expressar a realidade da educação do campo e as necessidades da escola como um espaço de formação social. Houve ainda, diálogos com os alunos e demais sujeitos que compõem o espaço da educação do campo, como é o caso de professores, e demais profissionais.

Os professores atualmente fazem uso das novas metodologias de ensino a todo instante, e o cinema por sua vez, é um auxílio metodológico muito usado por professores em sala de aula (Bittencourt, 2004), que na maioria das vezes visam o rendimento e melhor aprendizado dos alunos através de objetos que os atraem para o saber histórico.

Então, foram realizadas exposições cinematográficas com temáticas raciais e sociais, abordadas pelo filme “Em Defesa da Honra”, e “O vagabundo” de Charlie Chaplin, sendo o primeiro focado na luta do negro por seus direitos, e o segundo expõe com ênfase as atuações do “Vagabundo” o ser social à margem da sociedade, retratado por Chaplin, tendo em vista que, as obras retratam momentos históricos da luta contra o racismo e a condição de pobreza de pessoas desfavorecidas economicamente.

Levando em consideração as tecnologias à disposição dos jovens e/ou adolescentes, e as dificuldades enfrentadas pelos alunos da educação do campo, situação que afeta o desenvolvimento educacional. A aplicação deste trabalho levou aos alunos uma atividade dinâmica e atual para a produção do conhecimento escolar, com ênfase em escolas situadas na zona rural.

Não se trata de superproduções Hollywoodianas da atualidade. Mas, filmes que trazem aos jovens e adolescentes da rede pública de ensino, parte da trajetória da luta pela inserção social das “minorias”. Um dos filmes expõe a luta e conquista de direito através de um grupo de operários negros, os Diáconos Pela Defesa e Justiça, que atuou na busca pelo fim do segregacionismo, e pela aplicabilidade de uma igualdade racial e social. O outro mostra como pessoas pobres acabam ocupando as margens da sociedade, e como essa exclusão lhes atribui preconceitos, uma situação reforçada pelo êxodo rural.

As experiências com os recursos midiáticos permitiram identificar a receptividade e aprendizagem dos alunos sobre as questões sociais. E como os meios alternativos de educar auxiliam no desenvolvimento de crianças e adolescentes da rede pública de ensino, com ênfase na educação do campo, onde o professor e pesquisador tentou assumir um papel ativo no desenvolvimento dos alunos, notando as dificuldades que afetam a atuação do professor responsável pela educação de crianças camponesas (Arroyo, 1999).

Sendo que, o maior obstáculo são as várias dificuldades administrativas, impulsionadas pela ausência de recursos básicos como: verbas para manutenção das escolas, livro didático, utensílios tecnológicos e até mesmo merenda e transporte escolar, ou seja, os recursos não suprem as necessidades de contato com a diversidade e coloca em desvantagem o aluno do campo, minimizando suas potencialidades.

Foi notável os seguintes resultados ao expor o filme em 5 escolas da zona rural da cidade de Porto Nacional –TO, sendo 4 municipais, 1 estadual, e duas delas com sistema de alternância:

1. Escola Municipal Chico Mendes: administrada pelo município de Porto Nacional - TO. As atividades foram aplicadas em 2013, com a intenção de fazer parte do projeto da consciência negra que ocorre no mês de novembro, um direito garantido pela Lei 10.639/03. A escola contempla as crianças com as fases, Educação Infantil, Primeira Fase (1º ao 5º ano), e Segunda Fase (6º ao 9º ano).

Conta com um sistema de pedagogia da alternância, ou seja, uma modalidade que intercala um período de convivência na sala de aula, com outro no campo, para diminuir a evasão escolar em áreas rurais.

Foi uma das escolas municipais com melhor disponibilidade de recursos tecnológicos como: data show, cabos, tv, e etc. E obtiveram os melhores resultados, expressos na atenção dedicada as atividades e disposição dos alunos em responder os questionários.

2. Escola Municipal Benedito Borges: as atividades foram aplicadas em 2014, durante período de docência. No período em questão, a escola ofertava aulas para Educação Infantil, Primeira Fase, e Segunda Fase. E contava com um sistema educacional multisseriado, ou seja, classes com uma forma de organização de ensino na qual o professor trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries do Ensino Fundamental simultaneamente, tendo que atender alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes.

Frequentemente, enfrentava problemas técnicos como falta de merenda escolar, transporte para os alunos, livro didático, e são disponibilizados poucos recursos tecnológicos. Foram expostos aos alunos o filme “Diáconos Pela Defesa e Justiça” e “O Vagabundo”, e a participação dos alunos expressou o interesse em participar das atividades e discutir as temáticas expressas nos filmes.

No Ano de 2015, deixou de ofertar a Segunda Fase, atualmente corre risco de ser fechada, pois a administração alega não haver alunos o suficiente para manter a escola. Em caso de aprovação do fechamento da escola, os alunos terão que procurar outras escolas, provavelmente localizadas a mais de 40 km do assentamento local.

3. Escola Municipal Faustino Dias Dos Santos, administrada pelo município. As atividades foram aplicadas em 2015, durante período de docência. A escola contempla as crianças com as fases, Educação Infantil, Primeira Fase, e Segunda Fase. Foram expostos aos alunos o filme “Diáconos Pela Defesa e Justiça” e “O Vagabundo”.

A maior dificuldade ao desenvolvimento dos alunos está relacionada ao transporte escolar, e grande migração dos alunos para a cidade. Devido difícil adaptação ao meio urbano acabam retornando com dificuldades no desenvolvimento educacional. A participação dos alunos demonstrou comoção e identificação com o conteúdo expressado nos filmes.

4. Escola Municipal Eliza Lopes Barros, administrada pelo município. As atividades foram aplicadas em 2016, durante período de docência. A escola contempla as crianças com as fases, Educação Infantil e Primeira Fase.

Foram expostos aos alunos o filme “Diáconos Pela Defesa e Justiça” e “O Vagabundo”. A maior dificuldade está na estrutura física da escola, e transporte escolar, e grande migração dos alunos para a cidade, ou outras fazendas mais distantes.

5. Escola Família Agrícola (EFA), administrada financeiramente pelo Estado. As atividades foram aplicadas em 2016, com participação voluntária. A escola contempla as crianças com a Primeira Fase, e Segunda Fase.

Foram expostos aos alunos o filme “O Vagabundo”. Os alunos da Unidade Escolar normalmente são residentes em assentamentos, comunidades quilombolas, acampamentos de sem terra, de fazendas próximas ao município, e até mesmo de cidades mais distantes, alunos que são atraídos pelo sistema de alternância e pela ótima estrutura oferecida pela escola.

Conta com um sistema de pedagogia da alternância, possui a melhor estrutura entre as escolas observadas, os alunos demonstraram receptividade e envolvimento as atividades proposta sobre o filme exposto, e os alunos levantaram discursões sobre a situação social dos agentes sociais que vivem a margem da sociedade, incluindo a marginalização de camponeses que migram para as cidades em busca de trabalho.

### **A necessidade de uma educação de qualidade**

Alguns problemas que persistem nas escolas municipais estão relacionados a ausência de recursos básicos como o livro didático, às vezes não tem, e quando tem não é suficiente para todos. O transporte, além de ser cansativo para os alunos, constantemente passa por dificuldades, seja por estradas ruins, ou por falta de pagamentos aos responsáveis por executar o transporte. Há pouca disponibilidade e manutenção de recursos tecnológicos. É comum faltar merenda escolar, assim os pais camponeses, motivados em ter seus filhos alfabetizados, realizam doações com alimentos cultivados inclusive pelos próprios alunos.

As escolas principalmente municipais possuem sérios problemas financeiros e técnicos, pois todas as escolas municipais citadas a cima não tiveram livro didático nos anos de 2013, 2014 e 2015, o transporte entra em greve com muita frequência por falta de

pagamento e a verba para a alimentação escolar é insuficiente para manter mensalmente a alimentação dos alunos na escola, várias vezes a dependendo de doações de pais de alunos, e tais problemas resulta na migração constante dos alunos.

Ao observar tais problemas, evidencia-se como são escassos os recursos e verbas, já se tornou comum tal descaso, segundo as coordenações.

Os alunos das escolas em questão são em maioria filhos de camponeses de assentamentos, filhos de empregados rurais (fator propicio a migração, pois não possuem terra própria), ou seja, migrantes temporários, filhos de integrantes de acampamentos de sem terra, e etc.

Na tentativa de melhorar o repasse de verbas a essas escolas, é comum a adesão do programa Mais Educação, que é uma estratégia do Ministério da Educação para incentivar a educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino, ampliando a jornada escolar nas escolas públicas, por meio de atividades optativas como: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica, porém o repasse de verbas é incapaz de impulsionar o cumprimento de tais propostas.

Foi identificado à receptividade dos alunos, as atividades dinâmicas e diferentes das que estão habituados a presenciar no seu dia-a-dia. Sendo eles, crianças que possuem saberes diferentes dos alunos da cidade. Além de se esforçarem para absorver os conhecimentos em sala de aula, também dominam práticas relacionadas ao uso da terra, como: plantar, colher, pescar, ordenhar gado e realizar trabalhos voltados para sua subsistência e manutenção.

Através de debates com os alunos, percebeu-se como pensam sobre o termo “Vagabundo”, criado pela sociedade para designar às pessoas que não se enquadram nas obrigações habituais do senso comum, a exemplo de: trabalhar e ser um cidadão que cumpre seus deveres de manutenção social, e perceberam como também é algo na qual os camponeses frequentemente enfrentam quando tentam migrar para a cidade.

Um processo que começou ainda na Idade Média, devido à aparição da pequena indústria urbana, na qual, “O militarismo, que arrasta os filhos dos camponeses à cidade e os familiariza com as necessidades urbanas, proporcionando aos camponeses uma busca por artigos que estão de suas vivências” (Kautisky, 1980, pg. 20).

Foram discutidos também, a situação do negro, e qual a percepção que os alunos possuem sobre a temática étnico-racial e qual semelhança com suas realidades. Então, através de diálogos, expuseram experiências próprias e situações de preconceito racial. Reconhecendo inclusive, que estão inseridos em uma sociedade em que a maioria da população é negra.

O preconceito racial exposto no filme em alguns momentos é o reflexo de uma classe desfavorecida economicamente, porém interessada em promover a sua inserção social. O filme além de conscientizar expõe o desejo de igualdade econômica, social, até mesmo a necessidade de serem vistos como seres humanos.

Mas, os alunos da educação do campo, mesmo com a escassez de recursos, acolheram de forma satisfatória essas correntes cinematográficas alternativas, com uma comoção coletiva aos filmes. Que abordavam problemas de outros lugares, mas que denunciavam as injustiças sociais através de filmes pouco conhecidos e de condição técnica simples, bem como o cinema mudo, e obras reproduzidas nas telas em preto e branco.

Mesmo assim, percebe-se que a educação do campo necessita de uma renovação pedagógica, na educação em geral. Pois, através das dificuldades expressas por esses alunos, algumas situações são evidentes como o caso de propostas que abraça o seu dinamismo social. Sendo que o que tem prevalecido é um sistema educacional excludente e que acaba divulgando uma visão negativa de atraso no campo e de desinteresse dos alunos, sendo que essa visão de atraso não é verdadeira (Arroyo, 1999).

Os alunos do campo além de ter a preocupação de assimilar o conhecimento ofertado pelos professores, ainda possuem suas preocupações pessoais, que estão muito ligadas aos seus cotidianos. Mesmo sendo crianças, elas precisam ir para a roça, ajudar seus pais a plantar, colher, e assim vão assimilando saberes que não são ensinados na escola, mas que as necessidades cotidianas os incentiva, ou seja, os alunos do campo assumem uma diversidade de conhecimento que os alunos de escolas urbanas não possuem. Sabem terrenos propícios para plantar, profundidade das sementes, as técnicas para plantar mandioca, banana, e vários outros manuseios referentes às necessidades básicas dos camponeses.

E sem esquecer que o tempo de trabalho do camponês é diferente, o trabalho é realizado de acordo com suas vontades e necessidades. Diferente da produção capitalista, que vai além das necessidades físicas e da realidade campesina (Kautsky, 1980).

A educação institucional que contempla os alunos camponeses, além de propor materiais alheios à realidade dos camponeses, ainda se efetiva de forma precária. Na qual, não são levadas em consideração a realidade, saberes e necessidades dos alunos do campo (Arroyo, 1999).

A escola do campo ainda valoriza pouco a realidade camponesa, a luta pela terra, pelos direitos básicos e por uma educação de qualidade que contemple sua diversidade. Nem todos os saberes sociais estão no saber escolar. Sendo que o referencial curricular defende uma educação democrática e que tenha atuação direta na realidade, e funcione como uma formação de cidadãos críticos, mas o referencial não abrange de forma satisfatória a realidade camponesa, os livros didáticos não representam a realidade do campo.

Há livros didáticos voltados para o camponês, mas não para a realidade do camponês do Tocantins, e sim de outras regiões do país, sendo que há diferenças, em cada região o campo funciona de forma diferente. No caso das escolas de Porto Nacional- To, a situação é ainda mais grave, as escolas não tinham livro didático nos anos de 2013, 2014 e 2015, sendo elas, as mais distantes do perímetro urbano. No ano de 2016 passaram a disponibilizar o livro didático para os alunos, porém em quantidades insuficientes para os alunos, e com conteúdos de outras regiões do país.

Outro fator irregular é como a escola do campo está preocupada em preparar o jovem camponês para o mercado de trabalho capitalista, e não tem cumprido de forma satisfatória com sua função de prática social (Arroyo, 1999). Desvalorizando e repassando aos alunos de forma reducionista os processos culturais do território brasileiro, na qual as classes menos favorecidas tiveram importante contribuição, ainda falta abordar a luta camponesa pela posse da terra e o negro no processo histórico do território brasileiro, sendo que foram os principais protagonistas na história econômica do país, atuando com suas técnicas de trabalho nos mais importantes períodos econômicos da história do Brasil, como na produção de cana-de-açúcar, mineração, algodão, agricultura e café. Além de dominadores das técnicas de produção, também foram mercadorias comerciais até a abolição do tráfico negreiro (Junior, 1998).

Assim, importantes sujeitos da história do território brasileiro, e símbolos de resistência ao sistema capitalista como, comunidades rurais de camponeses negros, foram e são colocados às margens da sociedade, e sua exclusão social vem sendo reafirmada



pelas elites. A atuação do sujeito do campo tem uma ligação muito profunda com a constituição e consolidação do território nacional, e constantemente tentam reafirmar a consolidação de seus territórios através de suas práticas culturais. É uma unidade e diversidade, uma questão central da história humana, com suas diversas etapas e situação do momento atual (Santos, Silveira, 2005, pg 20), pois o território é um campo de conflitos.

Evidenciando assim a necessidade de que: “...os processos educativos, ou a educação básica preste especial atenção às matrizes culturais do homem, da mulher, do povo do campo” (Arroyo, 1999). E que leve em consideração as mudanças culturais que o movimento social provoca.

A inserção do camponês no meio urbano, fugindo do “atraso”, um falso determinismo, que começa geograficamente, acaba sustentando o discurso de que a escola urbana é melhor que a agrícola. Sendo que a localização, no caso das escolas em questão, não é um argumento consistente para justificar a ausência de qualidade, e sim a falta de atenção pública, com recursos e subsídios para manter uma educação digna e de qualidade para as crianças camponesas. Pois, uma boa educação só ajuda a fortalecer a luta e resistência camponesa.

Sem a terra, ou formas de se manter e sustentar seus filhos dignamente, os camponeses acabam buscando soluções como:

O êxodo rural foi resultado de dois fenômenos: expulsão e atração. A expulsão, no caso brasileiro, aconteceu decorrente da modernização do campo, que privilegiou os grandes latifundiários, não incluindo o agricultor familiar. E a atração que as cidades exerceram no processo de industrialização era, não raro, uma visão idílica, que não correspondia com a realidade dos trabalhadores do campo (Júnior, Netto. 2011. Pg 48).

Porém, esse processo de migração coloca o camponês que migra às margens da sociedade, inclusive no mercado de trabalho, isso quando consegue entrar no mercado de trabalho, situação principalmente sustentada pelo discurso de que o camponês é atrasado, as técnicas de trabalho que possuem nem sempre são aproveitadas no mercado de trabalho urbano.

Assim, são alimentados discursos como a frequente afirmativa de que o campo e o camponês são atrasados (Arroyo, 1999), e a administração pública consegue manter e reforçar tal situação. Pois através do sucateamento e pouca disponibilidade de recursos

somam para a desvalorização da educação do e no campo, que é um dos fatores que provocam a evasão. Pois não há recursos, então os pais enviam seus filhos para estudar na cidade, provocando evasão e diminui a demanda de alunos nas escolas do campo.

A maior dificuldade na aplicação desta experiência foi a ausência de recursos técnicos nas escolas do campo, pois até recursos para expor um filme são escassos, evidenciando como a ausência de suporte e repasse de verbas por parte da administração pública, afetam a utilização de recursos tecnológicos em sala de aula, e na utilização de novos procedimentos pedagógicos.

Isso nos leva a questionamentos sobre o que a educação atual tem proporcionado às crianças camponesas? Na situação que se encontra, tem apenas reforçado o campo e o camponês como símbolos de atraso, e ofuscado a sua atuação resistência ao sistema industrial capitalista, não é dito ao aluno camponês que ele é também um sujeito da história.

Não há com frequência uma exposição dos sujeitos da história, do movimento social, do negro, dos camponeses, e do cidadão posto a margem da sociedade, e a criança sente curiosidade e precisa conhecer esse lado da história. Pensando em tal necessidade verifica-se que é preciso:

Continuar vinculando a educação, com luta, com saúde, com reforma agrária, com cooperação, com participação, com cidadania, com esperança, com opinião, com justiça, com as grandes questões humanas que vive o homem do campo (Arroyo, 1999, pg. 41).

Falta um olhar para a educação do campo, inclusive dos próprios professores, pois, há uma desvantagem para esses alunos, pois o sistema educacional do campo ainda não é reflexo da realidade social e cultural dos alunos do campo.

Não adianta querer formar o aluno como sujeito da história se os professores não mostrarem aos alunos que se preocupam com as condições sociais impostas no decorrer da história. O aluno tem que ver e sentir, que os professores, os alunos e a comunidade estão inseridos nas lutas populares, e estão dispostos a contribuir na construção de um novo projeto popular de desenvolvimento para o campo. Apenas falar sobre o desenvolvimento no campo é pouco (Arroyo, 1999, pg 40).

E inclusive pensar estratégias que superem as dificuldades, geradas por questões políticas ou mudanças de gestão, que afetam nas organizações das escolas, como exemplo

mais claro é a mudança do quadro de funcionários, que altera de acordo com interesses políticos, afetando a execução de projetos e trabalhos duradouros. Fugindo do que deveria ser o principal foco, o desenvolvimento do aluno que deverá assumir novas interpretações de realidade, sem perder sua identidade histórica e cultural. E excluir situações que priorizem interesses políticos ou individuais.

É preciso “...levar em conta as especificidades do povo do campo sem perder de vista o que é comum a todos, permitindo o acesso a ciência e a tecnologia” (Júnior, Netto, 2011). Onde a escola deve na prática assumir a sua função de ensinar e transmitir valores e traços da formação da nação brasileira, seja para discutir sobre o negro, sobre o camponês, e os demais agentes que contribuem para esse processo de formação.

A consciência no que desrespeito a posição social e a classe, às vezes parece improvável ao camponês e/ao negro. Só nos leva a repensar as estratégias principalmente para a educação, que seria a chave para as demais conquistas, no campo, nas comunidades quilombolas e demais setores deixados às margens da sociedade e excluídos de direitos básicos. É necessário iniciar processos visando à valorização da identidade desses sujeitos históricos e tentar conseguir a tal sonhada equidade social das classes.

### **Considerações finais:**

A realidade camponesa ainda não é valorizada como deveria nas escolas do campo, as escolas do município de Porto Nacional – To, por exemplo, mais contribuem para a migração do camponês e desvalorização de sua identidade territorial.

Desfavorecendo uma das maiores resiliências do trabalhador do campo, que é a luta pela terra e por direitos básicos que possam reforçar a resistência camponesa. Mesmo com

os esforços de vários profissionais da educação, e os saberes empenhados pela educação democrática ainda não contemplem a realidade camponesa.

Então se faz necessário repensar o modelo educacional, pois a escola do campo tem empenhado uma formação voltada para o mercado de trabalho, e não tem cumprido com sua função de prática social, e de valorização da realidade dos alunos. Situação reforçada por interesses políticos ou desvalorização dos setores públicos ao ambiente escolar frequentado pelo camponês.

Negando aos alunos camponeses o conhecimento sobre os processos culturais as quais pertencem, e suas contribuições históricas na formação do território brasileiro, onde as classes menos favorecidas tiveram importante contribuição.

### **Referências:**

ARIOVALDO, Umbelino de Oliveira et al. Território em conflito, terra e poder. Kelps, Goiânia, 2014.

ARROYO, Miguel Gonzalez e FERNANDES, Bernardo Mançano. A educação básica e o movimento social do campo. Brasília, DF. Articulação nacional por uma educação básica do Campo. 1999.

ABUD, Katia Maria. Processos de construção do saber histórico escolar. Ensino e História. Laboratório de Ensino de História do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina. Londrina. V 11, julho de 2005. P 25-34.

BARROS, Cesar Mangolin de. O movimento negro ao longo do século XX: Notas históricas e alguns desafios atuais. CMB, julho de 2004.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e história: considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. Rio de Janeiro. Comunicação e Sociedade. Ano 32, n 55, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: Fundamentos e Métodos - Docência em Formação. São Paulo. Cortez Editora, 2004.

CARVALHO, Elma Julia Gonçalves de. Conhecimento da história e da educação: o cinema como fonte alternativa. Piracicaba. Revista Comunicações, ano 10, n° 02, Dezembro de 2003.

FARO, Ana Elisabeth Rodrigues. O triunfo da Vontade: o cinema a serviço da ideologia. O olho da história, n 11, Dezembro de 2008.

FERRO, Marc. Cinema e história. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

JUNIOR. NETTO, Astrogildo Fernandes da Silva. Mário Borges. Por uma educação do campo: percursos históricos e possibilidades. Revista Eletrônica de Culturas e Educação. N. 3 p. 45-60, Ano 2 (Nov/2011).

JÚNIOR, Caio Prado. História Econômica do Brasil. São Paulo. Editora Brasiliense, 2002.

KAUTSKY, Karl. A questão agrária. 3 ed. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.

KORNIS, Monica Almeida. Cinema e História: um debate metodológico. Revista de Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Vol. 5, N. 10, 1992, p. 237-250.

MARTINS, José de Souza. Não há terra para plantar nesse verão: O cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. Petrópolis. Vozes. 2ª ed. Pg, 45 – 61. 1986.

MERTEN, Luiz Carlos. Cinema: entre a realidade e o artifício. 2 ed. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2007. P 15-33.

RIBEIRO, Marlene. Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 6ª ed.

SANTOS, Milton.; SILVEIRA, Maria. O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 16ª ed, 2016.

SILVA, Priscila Aquino. Cinema e História: o imaginário norte americano através de Hollywood. Rio de Janeiro. UFF. N. 5, Vol. 2, Abr-Ago de 2004.

SOUZA, João Valdir Alves de. Pedagogia da alternância: uma alternativa consistente de escolarização rural?: Informações disponíveis em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt14-4500-int.pdf>.

Referencial Curricular do Ensino Fundamental das escolas públicas do Estado do Tocantins: Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano. 2ª Edição / Secretaria de Estado da Educação e Cultura. -TO: 2008. 281 p.

<http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16689-saiba-mais-programa-mais-educacao>